

Fernanda

A Fernanda Alves deixou o teatro no Porto, durante os ensaios das Barcas, encontraram-na caída no seu quarto de Hotel – nem o Anjo que fazia lhe acudiu. O Ernesto, fulminado pela morte da amada, exorcizou essa perda escrevendo um conjunto de prosas amorosas e poemas sobre a Fernanda que se intitula *Fernanda*. Neles se percebe que ele e ela eram uma unidade existencial indissolúvel, não viviam um sem o outro. Todos os textos do livro a ela dedicado o reafirmam: mais que um livro é uma declaração constante de dependência e uma quase idolatria da amada.

Cesariny disse que o Ernesto - partiu pouco depois - era a única pessoa que ele sabia que tinha morrido de amor.

É a partir deste livro que o Nuno Carinhas me convidou a pôr em cena que tentaremos homenagear a Fernanda convocando-a para cena. Ela foi certamente a melhor e mais inteligente – como no Paradoxo de Diderot se diz de Clairon – atriz da sua geração, senhora de uma verdadeira ciência da cena em nada comungante com as teorias correntes do “é preciso é tripas”. E convoca-la é um acto de vivificação cénica, um modo de regressar a papéis que fez – a cultura dos papéis é essencial ao actor (Vitez) - e de os rerepresentar num palco, essa máquina de viajar no tempo cujas qualidades essenciais são artesanato, corpo, palavras e tábuas.

Nunca esqueci a sua interpretação de Fan Chin Tin na peça de Dorst “A grande imprecisão diante das muralhas da cidade”, naquela 25 de Abril antecipado, em 73, no Instituto Alemão – um trabalho soberbo de convicção e contracena subtil numa situação de puro jogo, teatro dentro do teatro. A sua evocação vivificada e o livro doloroso de Ernesto são o meu ponto de partida para esta aventura de risco total – como pôr o amor em cena quando a palavra é lírica em absoluto ? - e afecto. A Fernanda, como se chama o espectáculo, é alguém que para mim sempre foi o melhor teatro, aquele que funde responsabilidade cívica com entrega total às práticas da metamorfose e à liberdade dos cómicos.

Ficha Artística:

Interpretação de Fernando Mora Ramos e Joana Carvalho

Encenação de Fernando Mora Ramos

Montagem de textos de Isabel Lopes e Fernando Mora Ramos

Dramaturgia de Isabel Lopes